

## **Reflexões sobre o gosto na escolha da leitura de lazer: desfazendo preconceitos**

Lígia Maria Moreira Dumont 1

### **Resumo**

Investiga a literatura pertinente ao gosto na escolha de bens culturais, destacando as ponderações sobre as opções tidas como as populares e as eruditas, transportando-as para a escolha da leitura de lazer. São apresentadas argumentações de Bourdieu e Kant sobre cultura erudita e cultura popular. Analisa ainda as pesquisas brasileiras sobre o consumo da literatura de massa e os estímulos que esta pode estar transmitindo, aliados aos da mídia em geral.

### **Abstract**

It investigates the literature taste's, emphasizing the options called popular and the popular choices. Bourdieu's and Kant's thesis about erudite culture and popular culture are exposed. Those concepts are transported to the leisure lectures. Analyses also the mass literature's researches and the effects that it may be transmitting to his lectors.

Considerando-se os estudos sobre leitura de lazer, observa-se determinada incoerência: se os textos têm como objetivo final serem lidos pelo maior número possível de pessoas, por que até muito recentemente quase não se pesquisava sobre a crítica do leitor 'comum' acerca dos textos lidos? Ao se prosseguir nessa linha de raciocínio, identifica-se uma prática que de certa forma denota inversão de valores: analisa-se o texto, como arte ou não, relegando a segundo plano o objetivo primeiro: ser lido por alguém, ou o leitor. Tal prática até recentemente colaborou para que os estudos, postulados e teses sobre leitura ficassem mais no nível teórico, na crítica de conteúdo, relegando o leitor a um patamar secundário, especulativo. Apesar do enfoque de estudos nas ciências sociais na atualidade ter-se direcionado para o individual, a subjetividade, alteridade e também o cotidiano, a realidade é que ainda são pouquíssimas as linhas de

---

1 Lígia Maria Moreira Dumont é Professora do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Doutora em Comunicação e Cultura. dumont@eci.ufmg.br

pensamento e pesquisas desenvolvidas com o intuito de levantar a crítica e o gosto do leitor. Vale destacar na literatura existente maior presença de autores franceses, que certamente pela tradicional formação de cunho humanista, imprimem com maior frequência em seus trabalhos preocupações relacionadas com as manifestações sociais e a leitura.

No Brasil, são encontrados na literatura específica poucos trabalhos que pesquisaram as preferências de leitura de determinadas comunidades. O primeiro a ser publicado, trata-se de um conjunto de três pesquisas realizadas por Medina (1975) sob encomenda do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e o Sindicato Nacional de Editores de Livros, visando detectar, respectivamente: o gosto de leitura em algumas capitais do país; a leitura em três municípios da Baixada Fluminense; e entre estudantes do 2º grau em várias localidades brasileiras. Outro estudo foi realizado por Milanesi (1978) sobre as formas de obtenção de informações na Cidade de Ibitinga, no interior de São Paulo, dando um destaque especial à leitura. Já o estudo de Bosi (1978) é sem dúvida o mais conhecido e funciona até os dias atuais como elemento catalisador nas discussões sobre leitura popular, pois levanta, pela primeira vez no Brasil, o gosto de leitura de operárias da Grande São Paulo. Como no caso de Medina, o estudo realizado por Saldiva & Associados Propaganda (1988) foi feito sob encomenda da Câmara Brasileira do Livro e Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose. A amostra abrangeu leitores e não-leitores de todas as faixas etárias pertencentes às classes A e B das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Uma pesquisa abrangente e mais recente que apresenta inovações na amostragem, foi relatada por Martins (1994) no Simpósio Nacional de Leitura, promovido pela Biblioteca Nacional. A investigação define de forma diferente tanto o objetivo, ao estabelecer que pretende investigar modos de ler texto e imagens interagentes, quanto a metodologia, baseada em uma leitura solicitada. Os resultados mostram as facetas do neo-leitor, ou seja, reconheceu-se aquele que lê imagens, televisão, artes plásticas, vídeos, mídia, enfim, todas as formas, canais e suportes físicos pelos quais se pode adquirir cultura e informação. Mas ainda se limita a traçar o perfil do leitor, as obras preferidas.

Atualmente e com as possibilidades fornecidas pelas tecnologias da comunicação, existem vários indicadores que demonstram o que está sendo lido.

Consistem basicamente de listas de livros mais vendidos mas, infelizmente, não fazem uma ligação entre quem está lendo e o que está sendo lido. Às vezes, são observados os pontos de venda e traçados perfis rudimentares do comprador. Vale destacar a pesquisa realizada por Orsini (1997) para a *Infoglobo*, porque observou-se uma mudança na preferência, ou perfil, dos leitores: houve uma ligeira queda na venda de romances em relação ao ano anterior e aumentou consideravelmente o número das publicações que versam sobre auto-ajuda. Também é de interesse outro novo dado detectado: o aquecimento do mercado livreiro em relação aos leitores que percebem menos de dez salários mínimos.

A leitura de romances tipo folhetinesco é a das mais representativas — apesar de muito pouco pesquisada. Remontando sua história, Meyer (1996) constatou ser forte a presença desses entre os imigrantes italianos e seus filhos estabelecidos no Brasil. Ao entrevistar alguns descendentes, recolheu depoimentos sobre a importância dessas leituras na origem e formação das suas práticas políticas. Jacob Penteadó declarou ter sido através da leitura de folhetins em serões o despertar para a militância política; o mesmo sucedeu com Zélia Gattai, que os lia em voz alta, nos serões promovidos por sua mãe; e ainda o Sr. Marino, italiano, dono de um sebo em São Paulo, que enquanto analfabeto, primeiro ouviu as histórias de folhetins, depois aprendeu a ler soletrando *Os três mosqueteiros*; estudou história da Revolução Francesa em um romance e diz que foi com Dumas, Sue e outros que aprendeu a ‘lutar contra a injustiça social’ até se tornar militante do Partido Comunista Italiano.

### **Leituras: entre o preconceito e o gosto ( ou de Kant a Bourdieu)**

O gosto pela leitura taxada de popular, está na atualidade sendo pesquisada por alguns pensadores. Na área cultural, Bourdieu (1979), desenvolveu um estudo sobre os consumidores dos bens culturais e suas preferências, o gosto na escolha desses bens, demonstrando, através da observação científica, que as necessidades e práticas culturais, tais como frequência a museus, concertos e exposições, preferências em matéria de literatura, leitura, pintura e música são um produto da educação, estando estreitamente ligados ao nível de instrução, e não à origem social do sujeito. O estudioso desmitifica assim um determinismo social, segundo o qual o gosto é delimitado pelo lugar social das pessoas. Esse lugar social é, no entanto, determinado pelas classes tidas como superiores, a partir de seus balizadores privilegiados.

Segundo o autor, a negação do prazer taxado pelos elitistas de inferior, grosseiro, vulgar, venal, servil  $\frac{3}{4}$  em uma palavra, natural  $\frac{3}{4}$  encerra a confirmação daqueles que sabem satisfazer-se de prazeres sublimados, refinados, desinteressados, gratuitos, distintos, interditos aos simples ‘profanos’. O gosto dito ‘puro’ e sua estética se fundamentam na recusa do gosto ‘impuro’, forma simples e primitiva do prazer sensível, reduzido ao prazer dos sentidos. Ao risco de parecer sacrificado aos ‘efeitos fáceis’ que estigmatizam o ‘gosto puro’, pode-se mostrar que toda a linguagem da estética está restrita pela principal recusa do fácil, entendido dentro do sentido que a ética e a estética burguesas dão a esta palavra. O gosto ‘puro’ tem por premissa recusar o degustar, que em primeira instância é visceral e se manifesta por tudo que é fácil, como se diz de uma música ou de um efeito estilístico. A recusa do que é fácil, no sentido de simples, portanto sem profundidade, e ainda barato, fundamenta-se no princípio de que, se a decifração é fácil e culturalmente pouco custosa, esta conduz à certeza e por conseguinte à recusa natural por parte dos intelectuais. Estes, ainda segundo Bourdieu, recusam tudo aquilo que é fácil ao senso ético ou estético, a tudo que oferece prazeres imediatamente acessíveis e que induz à descredibilidade, por serem esses prazeres infantis ou primitivos, em oposição aos diferenciados da arte ‘legítima’.

O autor prossegue, afirmando que as palavras empregadas para denunciar a arte ‘não legítima’ como fácil ou ligeira e também frívola, fútil, enganadora, superficial, aliciadora, ou no registro das satisfações orais: xaroposo, adocicado, enjoativo, água com açúcar, repugnante, mostram que as obras ‘vulgares’ são somente uma espécie de insulto ao refinamento dos refinados, uma maneira de ofensa ao ‘público difícil’, que rejeita que lhe sejam oferecidas coisas ‘fáceis’. Os artistas amam dizer que eles se respeitam e respeitam seu público. Consideram que as artes ‘fáceis’ suscitam a ‘doença e o desgosto’ pelos métodos da sedução, ordinariamente denunciados como baixos, degradantes, aviltantes. Quanto à crítica social do julgamento do gosto, Bourdieu confessa que não se podem compreender completamente nem as disposições que orientam as escolhas entre os bens da cultura ‘legítima’, nem quais as condições de os reinserir, de os fazer entrar na ‘cultura’.

Através dessa crítica contundente característica do sociólogo, às vezes até extremista, Bourdieu cita afirmações expressas por Kant no livro *Crítica do juízo*[\[1\]](#), que exalta a estética explicitamente fundada na antítese da beleza do fácil. O filósofo

vaticina que aqueles que se abandonam à sensação que resulta fundamentalmente da abolição da distância  $\frac{3}{4}$  que proporciona a liberdade de apreciação entre a representação e a coisa representada  $\frac{3}{4}$  entram em estado de alienação,

...“da perda do sujeito dentro do objeto, da submissão imediata ao presente imediato, que determina a violência escravizante do agradável. Assim, por oposição à inclinação suscitada pelo agradável, comum aos animais e aos homens, a diferença da beleza é própria para seduzir aqueles que não se preocupam somente com o prazer, convidado do sentido imediato. Esses, desagradam imediatamente à razão, o gosto puro, gosto da reflexão, que se opõe ao gosto do sentido como os atrativos à forma.” (p.570)

Kant continua, assumindo que o objeto que se impõe ao prazer, tanto em imagem como em realidade, neutraliza a resistência ética ao invés de neutralizar a estética: em suma, o prazer aniquila o futuro, distanciando-o da representação, da liberdade propriamente humana de colocar em suspenso a adesão imediata, da sensibilidade de se recusar, de se submeter ao afeto imediato, à simples *aisthesis*[\[2\]](#). Desafio à liberdade, à humanidade, à cultura, este anti-natural opera uma espécie de redução universal à animalidade, à corporificação, ao ventre e ao sexo. Isso quer dizer do que é comum, vulgar, abolindo toda diferença entre aqueles que resistem com todas as suas forças e aqueles que se comprazem dentro do prazer, que se ‘prazem do prazer’. Sob esse termo comum, se entende que é vulgar aquilo que se encontra por toda parte, e o possuir não é mérito, nem privilégio. A natureza entendida como sensibilidade igualiza mas, segundo Kant, nivela por baixo. A antítese entre a cultura e o prazer corporal, ou a natureza, se enraíza dentro da oposição entre a burguesia cultivada e o povo,

...“lugar imaginário da natureza inculta, da barbárie livre ao puro prazer: o gosto é sempre bárbaro quando mescla os atrativos e as emoções à satisfação [...] Prazer sublimado, prazer vão que enclausura em si próprio a renúncia ao prazer, prazer depurado do prazer, o prazer puro é predisposto a se tornar um símbolo de excelência moral e a obra de arte um teste de superioridade ética, uma medida indiscutível da capacidade de sublimação que define o homem verdadeiramente humano. [...] Uma propriedade da razão consiste em poder, com o apoio da imaginação, criar artificialmente desejos, não somente sem fundamentos estabelecidos sobre um instinto natural, mas mesmo em oposição a eles; estes desejos, em princípio, favorecem pouco a pouco a eclosão de um enxame de pensamentos supérfluos e que são contrários à natureza, sob a apelação da sensualidade.” (p.572-573, 576)

Bourdieu ainda aborda especificamente o prazer da leitura. O autor tem visão contra  $\frac{3}{4}$  marca uma ruptura com  $\frac{3}{4}$  o ritual da leitura idólatra. Cita Derrida[\[3\]](#), que partilha do mesmo princípio:

...“demandando de ser tratada como ela trata seu objeto, ou seja, como obra de arte, permitindo por objetivo o objeto mesmo da obra lida, ou seja, o prazer cultivado, exaltando artificialmente este prazer artificial por um último refinamento do triturado que implica lucidez sobre este prazer, a leitura oferece antes toda uma exemplificação exemplar deste prazer da arte, deste prazer de amor à arte onde, como todos os prazeres, ele não é fácil de falar. Prazer ‘puro’, se quiser, na medida em que irredutível à pesquisa das vantagens da distinção e que corre como simples prazer de jogar, de bem jogar o jogo social, de jogar sua arte de jogar, de cultivar este prazer que cultiva e de se produzir, assim, uma tal sorte de fogo sem fim, o alimento sempre renovável onde se nutrem alusões sutis, referências diferentes ou irreverentes, abordagens esperadas ou insólidas, etc.” (p. 583-584)

O interesse empírico entra dentro da composição dos prazeres considerados mais desinteressados do gosto ‘puro’, finaliza Bourdieu, porque o princípio do prazer, ‘que procura esses jogos de refinamento que se jogam entre os refinados, reside, em última análise, dentro da experiência negada de um relato social de pertencer e de exclusão’. O senso da distinção, disposição adquirida que funciona com a necessidade obscura do instinto, tem por princípio o cuidado de marcar a diferença, de excluir todas as formas tidas em um dado momento como ‘puras’, das ‘inferiores’ da atividade intelectual ou artística, objetos vulgares, referências indignas, modos de exposição vulgarmente didáticos, problemas ingênuos ou triviais.

A distinção dos gostos nas classes sociais mostrada por Bourdieu é também pesquisada por MacDonald (1962) que igualmente demonstra a diferenciação das formas de manifestação cultural na sociedade e as denomina de:

*cultura superior* - fácil de ser reconhecida, corresponde aos produtos canonizados pela cultura erudita;

*cultura média* - denominada de *mid cult* e não de *mid culture* terminologia que a desvaloriza propositadamente; caracteriza-a como sendo a banalização da cultura superior, esta cultura empenha-se na busca convencional para garantir ampla aceitação, remetendo-a ao mundo dos valores dos pequenos burgueses. O público *mid cult* quer ser diferente da massa, por isso caracterizado como indústria é a indústria do desejo de ser diferente, da paródia e falsificação da cultura legítima, com fins comerciais;

*cultura de massa* - a cultura de massa é, assim como a *mid cult*, de *mass cult* e sua definição não é simples; isso porque remete aos meios utilizados na sua difusão, os

meios de comunicação de massa: a TV, o rádio, o cinema, a imprensa de massa, além de outras manifestações como moda, costumes alimentares, etc. Os critérios utilizados são, portanto, os meios de divulgação e as proporções do público atingido. Tende a ter certa vantagem em relação à *mid cult* que equivale à cultura do novo rico <sup>3</sup>/<sub>4</sub> por não se referenciar somente na cultura superior e ser mais despretensiosa.

Bourdieu, Derrida, MacDonald mostram claramente que a divisão entre cultura ‘pura’ e ‘impura’ baseia-se no preconceito, no reforço da distinção de classes. Ao prazer fácil, sem sofrimento, natural, próprio de pessoas e comunidades mais populares, portanto mais naturais, é imputado o estigma de vulgar, alienante, sem consequência, visceral.

Os recursos de simplicidade e previsibilidade, utilizados pelos romances da literatura de massa, são tidos como os que melhor distinguem os produtos da cultura popular daqueles da cultura superior. É, pois, nas dificuldades da leitura erudita que os editores de livros populares se apoiam, tendo, entre seus argumentos, aquele apresentado pela escritora Paula Detmer Riggs, da série *Momentos Íntimos*, Editora Nova Cultural: “todos nós precisamos de um escape das pressões da *high-tech* que nos é imposta cotidianamente, e eu acredito em finais felizes.” (Citado por CHELTON, 1991, p.44). Acrescenta ainda que parece ser por essa crença que as pessoas continuam lutando, apesar dos empecilhos e desapontamentos vivenciados.

“Decerto, a predicabilidade da conspiração é um dos principais aspectos da cultura popular”, afirma Gans (1975, p.91), ao distinguir a cultura popular da cultura erudita, em suas diversas manifestações. A ‘*high culture*’ prefere os finais, ou conclusões imprevistos e inusitados dos diferentes produtos culturais. Conforme o autor, essa é, sem dúvida, a grande diferença no gosto e escolha de bens simbólicos, onde se encaixam perfeitamente as preferências na leitura de lazer entre ‘literatura artística’ e ‘literatura de massa’.

### **Pesquisa sobre literatura de massa: cenário brasileiro**

Pesquisadores brasileiros da contemporaneidade, preocupados com o consumo de bens culturais de massa, começam a questionar o preceito — aceito como certo — de que estes alienam. Uma equipe de professores da Universidade de São Paulo - USP,

liderada por Maria Aparecida Baccega, desenvolveu a pesquisa cujo objetivo é medir a importância e o impacto da telenovela em diferentes aspectos, tais como a abordagem, pelos roteiros, de questões que envolvem o negro, a mulher e até mesmo sua provável influência sobre a demografia brasileira. (SANCHEZ, 1996). Baccega[4] afirmou que a pesquisa pretendia detectar os liames entre a ficção e a realidade abordados pelos ‘folhetins eletrônicos’, afirmando que estes trazem uma grande vantagem: falam de coisas que estão próximas da realidade, do cotidiano do telespectador. Enfatiza que a telenovela não é um produto cultural alienante e que pensar o contrário é preconceito, pois ninguém é induzido a pensar que a vida é um mar de rosas devido só a enredo açucarado; isso seria menosprezar a capacidade de raciocínio do povo. Ao contrário, a pesquisadora ousa mais, ao proferir que a novela possui papel educativo, no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado, incluindo temas atuais como o uso de drogas, as minorias discriminadas pelos preconceitos racial e social, a submissão da mulher, a homossexualidade, clonagem e leis atualmente polêmicas, como doações de órgãos, dentre outras. Questões e personagens que encarnam esses temas suscitam discussões, debates e isto é desejável, mesmo que a novela esteja reproduzindo preconceitos sociais, pois informar, provocar a reflexão e discutir é sempre educativo. Uma informação muito importante lembrada pela pesquisa da USP é que o público brasileiro em geral não é bem informado, daí a importância da novela brasileira trazer temas atuais — o que não acontece com as mexicanas.

Outra pesquisa de grande porte desenvolvida por vinte e seis pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP é relatada por Sanches e Lima (1997). Um dos objetivos é constatar a atualidade na tela relacionada a eventos políticos, comportamentais e científicos. Dentre os resultados já sabidos e esperados, que coincide com os relatados pela pesquisa da USP, é o que concerne à abordagem de temas atuais. Concordam que a novela provoca a discussão de temas acontemporâneos e conflitantes, como: transplante de coração, clonagem, bebê de profeta, divórcio de casais e, na área política, candidatura de operário à presidência da república e *impeachment* de prefeito, sendo que às vezes até antecipam sua ocorrência na própria realidade. Dentre os problemas de relacionamento e preconceitos, pode-se citar que os aidéticos e usuários de drogas têm sido lembrados através de personagens secundários e evidentemente sem grande profundidade, conforme a fórmula folhetinesca.



Quanto ao lado negativo, confirmam que as novelas possuem uma grande influência naquilo que têm de mais superficial: roupas e bens de consumo. Tal constatação faz parte dos valores cultivados pela sociedade brasileira a partir da década de 40, informa Sodré (1977). A ideologia do consumo suntuoso se impôs sobre a consciência desenvolvimentista, ocasionando o surgimento de uma cultura de massa estreitamente dependente dos grupos econômicos e dos interesses industriais, que privilegiava o consumo exacerbado, veiculado pelos meios de comunicação de massa. E, conforme pôde ser vislumbrado pela pesquisa do CEBRAP, os mesmos valores continuam vigentes até a época atual; e igual finalidade tem tido a mídia: continua desempenhando a função de estimular o consumo.

Certamente o levantamento de pesquisas aqui apresentado sobre literatura de massa no Brasil não é exaustivo, mas pode-se afirmar que não são muitas. Quanto ao contexto dos pesquisadores e estudos da área, constata-se a existência de alguns centros de pesquisa e professores universitários investigando o assunto; a literatura é escassa, são poucas as publicações; a comunidade tem a oportunidade de se encontrar e tomar conhecimento do trabalho de seus pares através de eventos esporádicos e correspondência pessoal via correio eletrônico, facilidade que veio a fomentar a troca de idéias. Porém, em contrapartida e para completar o quadro da situação atual, os órgãos fomentadores de pesquisa no país ainda deixam a desejar quanto à centralização, divulgação e acesso aos seus bancos de dados.

## **Conclusões**

A literatura designada como literatura de massa tem recebido diversos adjetivos e prefixos para identificá-la: literatura popular, marginal, paraliteratura, subliteratura, contraliteratura, antiliteratura, literatura *underground*. Sem dúvida, o que as designações definem é a contraposição explícita, ou implícita, à literatura acadêmica, consagrada ou mesmo clássica. A sua marginalidade fez com que somente em 1967 fosse elaborado o primeiro estudo oficial sobre o assunto, fruto de um encontro conhecido como Colloque de Cérisy-la-Salle, promovido por pesquisadores franceses e que se tornou emblemático para os estudos e artigos publicados posteriormente. (ARNAUD; LACASSIN; TORTEL, 1970).

É também ainda notória a incerteza sobre a realidade da literatura de massa, que leva a indagar constantemente sobre o seu sentido e suas conseqüências. Os pensamentos oscilam entre uma crítica severa, de um lado, e uma relativização analítica dos seus efeitos, de outro. Um fator que provoca tal dicotomia é a abordagem dos fenômenos sociais populares, quase sempre em contraposição à cultura tida como tradicional. A literatura é uma produção cultural consagrada como arte e a maioria das pessoas  $\frac{3}{4}$  tanto os críticos quanto os leitores comuns  $\frac{3}{4}$  quando lêem um texto, o vêem como obra literária, buscando, entre outros valores, as suas qualidades estéticas. A leitura é um ato social, o que implica uma rede intrincada de valores e motivações, direcionando o pesquisador para abordagens multidisciplinares. Existe concordância, não só das ciências sociais, mas do fazer científico contemporâneo, de que não se pode mais restringir a produção do conhecimento a um só campo disciplinar, a uma determinada linha de pensamento e até mesmo a uma só abordagem metodológica. É aí que o pesquisador se depara com várias dicotomias, contradições, pensamentos divergentes. Mas, é através dessa diversidade, dessa riqueza, que se produz um novo conhecimento, o que não significa que se descobriram caminhos que superaram ou excluíram as diferenças.

Para finalizar, é importante frisar que ao presente artigo foi dado um enfoque sociológico, sob o olhar do campo de conhecimento ciência da informação, vertente informação e sociedade. Ao adotar essa terminologia, pretende-se estudar a circulação da informação, os processos e relações que ocorrem no cotidiano das pessoas, grupos, classes e instituições sociais. No caso específico, investigar o papel exercido pela informação transmitida através da literatura de massa no dia a dia dos seus leitores.

### **Referências bibliográficas**

ARNAUD Noël; LACASSIN, Francis; TORTEL, Jean (Dirs.). *Entrétiens sur la paralittérature*. Paris: Plon, 1970.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction; critique social de jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

CHELTON, Mary K. Unrestricted body parts and predictable bliss: the audience appeal of formula romances. *Library Journal*, New York, v.116, n.12, p.44-49, July 1991.

GANS, Herbert. *Popular culture and high culture: an analysis and evaluation of taste*. New York: Basic Books, 1975.

MacDONALD, Dwight. Uma teoria da cultura de massa. In: ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (Orgs.). *Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1973. p.77-93.

MARTINS, Maria Helena. Leitura: história do leitor. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LEITURA, Rio de Janeiro, 1994. *Leitura, saber e cidadania*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. p.165-170.

MEDINA, C. A. *A função social do livro na atual realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências sociais/Sindicato Nacional de Editores de Livros, 1975.

MEYER, Merlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.145-156: A leitura possível.

ORSINI, Elisabeth. *O novo perfil dos leitores: pesquisa realizada pelo Infoglobo revela a democratização do consumo de livros*. O Globo: Rio de Janeiro, 19 abr. 1997, p.1,3. Caderno Prosa & Verso.

SALDIVA & ASSOCIADOS PROPAGANDA. *Estudo motivacional sobre hábitos de leitura*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1988.

SANCHEZ, Fábio. *Novela é cultura: a professora da USP diz que o gênero esculhambado pelos intelectuais é um grande produto cultural e deveria virar tema escolar*. Veja, São Paulo, v.29, n.4, p.7-10, 24 jan. 1996.

SANCHEZ, Neuza; LIMA, João Gabriel de. *Entre a tela e a vida real: pesquisa mostra como o Brasil da novela das 8 interfere na vida do Brasil de carne e osso*. Veja, São Paulo, v.30, n.6, p.52-55, 12 fev. 1997.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p.21-39: Formação e estrutura da cultura de massa brasileira.

---

## Notas

[1] KANT, E. *Critique du jugement*. Paris : Vrin, 1928.

[2] Palavra grega, significa a percepção dos sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição).

[3] DERRIDA, J. *Mimesis des articulations*. Paris: Flammarion, 1975.

[4] Entrevista concedida à revista **Veja**, São Paulo, v.29, n.4, p.7-10, 24 jan. 1996.